



GT 047. Nas tramas do viver: entre governos, escritas e antropologias da dor

Natália Corazza Padovani (Pagu / UNICAMP) - Coordenadora,
Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (CPDOC/FGV) - Coordenadora

Este GT dá continuidade a um debate iniciado em 2015, que respondia a três distintas ordens de problemas: a dimensão política da dor, as técnicas de governo e a escrita etnográfica. Preocupados por aspectos do viver que muitas vezes são esquecidos, sublimados e controlados, mas, todavia constituem e animam a vida cotidiana, neste GT, propomos, agora, uma nova rodada de debates. Para tanto, temos o intuito de reunir etnografias que analisem as variadas articulações entre técnicas de governo e modalidades de sofrimento, explorando tais dilemas a partir de diferentes perspectivas. Seu viés analítico é o desafio de transpor terminologias locais para termos correlatos como 'dor', 'sofrimento', 'sofrer'; os desafios metodológicos são como fazer etnografia de/em situações de sofrimento; e suas composições políticas - até onde ir na partilha da dor com nossos interlocutores? Como evitar uma compaixão desenfreada ou um desejo de governo renovado? Ao acreditarmos que o sofrimento/dor apresenta-se como condição comum a variados contextos de pesquisa, esperamos receber contribuições que, independentemente de vínculo disciplinar, estejam, por um lado, atentas a como a forma política produtiva do sofrimento pode, em muitos contextos, ceder espaço à forma produtiva do governo, a fim de produzir sujeitos e populações governáveis. E, de outro lado, não se furtem a descrever a dor como modo de viver o mundo, cujo modo situado de análise incide em formas de narrar e produzir etnografia.

Pensar as 'verdades privadas', processos de ações políticas e fazer etnográfico entre mulheres negras.

Autoria: Cinthia Marques Santos

O objetivo desse work é analisar o enredamento entre o fazer etnográfico e o estar afetada, ao modo de Favret-Saada (2005), a partir de uma produção escrita, reflexiva e prática de mulheres negras acerca de suas experiências constantemente atravessadas por dores e sofrimento. Os relatos de casos ouvidos e presenciados em campo são agora pensados à luz de uma Antropologia que destaca os modos de existir e os modos do Estado operar nos mais finos e reservados espaços da existência. A esfera da intimidade e da domesticidade ganham relevos que auxiliam a compreensão de um fazer político que não procura mascarar suas conexões com estes, mas que, ao contrário, revelam posições onde o amor, a autoestima e as dores são constituintes potentes de vivências. Partindo da compreensão da dimensão que os afetos e desafetos possuem no fazer antropológico, coloco em revisão minhas práticas e relações estabelecidas em campo. Estabelecer pesquisa junto a alguns grupos por si só nos mobilizam emocionalmente, seja por suas condições de vida em meio a contextos violentos, insalubres ou mesmo suas debilidades físicas, psíquicas. Ao dialogar com mulheres negras, em contexto de pesquisa, notei que as dimensões de dor e resiliência, solidão e amor, resistência e alegrias estavam a um só tempo enredadas nas narrativas de si, nas narrativas sobre o outro e nos modos de ler o mundo e fazer ativismo. A produção de feministas negras é permeada de reflexões acerca do sofrimento, e suas marcas se manifestam em dureza, problemas com autoestima e, por vezes, dificuldades em se relacionar afetivamente. A proposta é reanalisar minha inserção em campo, junto com as reflexões de mulheres negras e seus relatos de dor e sofrimento, através de uma perspectiva que privilegiaria o enredamento entre as gestões de Estado e as vivências cotidianas destas mulheres.



Realização:



Apoio:



Organização:

